

**ESPANCA E ESTANCA, LIVRO DUPLO DE LUZ RIBEIRO
EXPÕE A VERSATILIDADE LITERÁRIA
DA JOVEM POETA PAULISTANA**

RIBEIRO, Luz. *Espanca*. São Paulo: Quirino, 2007. 70 p.

RIBEIRO, Luz. *Estanca*. São Paulo: Quirino, 2007. 60 p.

Um novo fenômeno de poesia oral e performática cresce no mundo contemporâneo: são os chamados slams — competições ou batalhas de poesias que dão vez e voz a poetas da periferia, os quais versam sobre as adversidades do seu cotidiano, abordando temas como racismo, violência, drogas, machismo, sexismo, sempre de teor crítico e engajado, que requerem a escuta, a reflexão e a politização do seu público-ouvinte.¹

Luz Ribeiro, poeta paulistana, versátil na arte da palavra, enquadra-se neste cenário. É a primeira mulher a vencer a final do campeonato brasileiro de poesia falada, Slam BR, e a representar o Brasil na Copa do Mundo de Slam na França, *Slam Nation et Coupe Du Monde*.

Antes de apresentar como se deu a aproximação com o seu livro du-

plo *Espanca e Estanca* e compartilhar minhas percepções de leitura, acredito ser fundamental contextualizar um pouco mais o que venha a ser o *Slam* e o seu surgimento. Para isso, mais uma vez, recorro ao trabalho de Cynthia Agra de Brito Neves:

A palavra *slam* é uma onomatopeia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma “batida” de porta ou janela, seja esse movimento leve ou abrupto. Algo próximo do nosso “pá!” em língua portuguesa. A onomatopeia foi emprestada por Marc Kelly Smith, um trabalhador da construção civil e poeta, para nomear o *Uptown Poetry Slam*, evento poético que surgiu em Chicago, em 1984. O termo *slam* é utilizado para se referir às finais de torneios de *baseball*, *tênis*, *bridge*, *basquete*, por exemplo. Smith nomeou também de *slam* os campeonatos de performances poéticas que organizava e no qual os *slammers* (poetas) eram avaliados com notas pelo público

¹ Cynthia Agra de Brito Neves, “Slams – letramentos literários de reexistência ao/ no mundo contemporâneo”, *Linha D’Água*, v. 30, n. 2 (2017), p. 92.

presente, inicialmente, em um bar de jazz em Chicago, depois nas periferias da cidade. A iniciativa “viralizou”, como se diz hoje, contagiando outras cidades dos Estados Unidos e, mais tarde, ganhou o mundo.²

No Brasil, os slams — campeonatos de poesia falada — seguem com características semelhantes: os poetas são avaliados pelo público e os eventos ocorrem nas periferias das cidades brasileiras. Fruto do trabalho coletivo das mulheres no campo literário, a criação do Slam das Minas já tem desdobramento em vários estados brasileiros. Luz Ribeiro, por exemplo, é membro do Slam das Minas - SP³ e, após se tornar a primeira mulher campeã do Slam BR, passou a circular ainda mais por diferentes geografias apresentando sua performance poética.

O primeiro contato que tive com a performance de Luz aconteceu justamente por isso: ela era uma das convidadas da 3ª edição da Balada Literária que ocorreu em Salvador⁴, como desdobramento da 12ª edição da Balada Literária de São Paulo, e eu estava na plateia e ela também. De repente, um dos curadores do evento, o escritor Marcelino Freire (o outro curador da edição sotero-politana foi o poeta Nelson Maca), apresenta Luz e a convoca para par-

tilhar conosco seu slam. Foi quando, então, pude me arrepiar com seu “menimelímetros”. Não só eu, mas toda a plateia vibrou com aquela voz poderosa que sabia exatamente como conduzir a palavra e não deixar dúvidas de que os nossos corpos também são textos. E uma coisa ficou evidente para mim naquele momento: a importância do jogo entre corpo e voz e o ritmo e as rimas que capturam o público no slam.

Portanto, tendo contato, primeiro, com a palavra falada da poeta, tive vontade de conhecer o seu livro duplo: *Espanca* e *Estanca*, do qual me falara ainda na ocasião da Balada Literária. Todo esse preâmbulo é para registrar um fato importante: a poesia contemporânea produzida por jovens negros periféricos surge, muitas vezes, pela existência dos saraus, dos espaços comunitários em que palavra e corpo compõem textos vivos e vibrantes. Não é à toa que a poeta versa:

[...] *por isso escrevo, porque suspeito
que ler só
não basta [...]*

Em outro trecho do mesmo poema, continua:

[...] *as escolas me causaram traumas
imensuráveis
não admiro instituições de ensino
valorizo cada sarau que dá voz a um
todo [...]*

A trajetória de Luz Ribeiro como poeta, por exemplo, ganha força depois que ela participou do primeiro sarau de poesia na periferia, na Coo-

² Idem, p. 93.

³ <<https://www.facebook.com/SlamdasMinasSP/>>, acesso em 09/01/2018.

⁴ <<http://www.livrariabotocorderosa.com/index.php/2017/10/30/balada-literaria-salvador/>>, acesso em 09/01/2018.

perifa, no final de 2011.⁵ É em espaços como esse que os jovens com anseios literários percebem a existência de uma poesia que dialoga com suas vidas; afinal, é comum escutar ou ler versos que falem de medo, de anseios e da luta diária do negro brasileiro. Por tal consciência, Luz Ribeiro emprega a coloquialidade e a oralidade em favor de sua poética, trazendo em seus versos questões que permeiam a periferia, o ser mulher, o ser mulher negra e as questões de afetividade.

Todo livro começa pela capa. E os tons verdes musgo se desfazendo e formando o plano de fundo para os títulos *Espanca* e *Estanca*, junto com o nome da autora na cor branca, em caixa baixa, revelam, ao que parece, o desejo pelo deslocamento e pela leveza. É fácil invocar, pelos títulos, outras cores, como o vermelho, mas a autora evidencia sua liberdade poética desde o início. Depois do seu livro de poemas *Eterno contínuo* (livro independente, selo do burro), lançado em 2013, Luz Ribeiro coloca no mundo “seus segundos filhos que decidiram nascer juntos”, como aponta o texto da orelha do livro. Com títulos e textos contrapostos, o conteúdo mantém-se totalmente em caixa baixa e a tipografia dos poemas é perpassada por verdes e roxos em degradês. Aqui, me parece que a poeta nos revela seu cuidado estético nos mínimos detalhes, a tipografia colorida parece um sinal

⁵ <<http://tvbrasil.ebc.com.br/bravos/2017/11/luz-ribeiro-medos-anseios-e-lutas-diarias-transformados-em-poesia>> acesso em 9/1/2018..

de pluralidade que permeia seu texto, a metamorfose do seu ser no mundo, e a visão ampliada pelo olhar interseccional, cruzando raça, classe e gênero.

A urbanidade da selva de pedras paulistana está marcada na poesia de Luz, assim como a forte presença do mar como desejo de outras formas de viver. O direito à memória me parece a pedra fundamental para compreender a sua poética e é, também, ao meu ver, o fio condutor que amarra os dois livros em um único exemplar:

*[...] como faz para apagar uma lembrança?
quem estanca o que a memória espanca? [...]*

Consciente do seu lugar de fala, sua poesia carrega a metáfora do voo, para além do lirismo onírico, carrega um olhar cuidadoso, que passeia planando pela cidade, para revelar saberes e contradições:

*[...] Eu tenho minha própria língua
há [ainda] quem fale por mim [...]*

Antes da poeta, existe um corpo que lhe dá sustento, e esse corpo, que não passa despercebido em um cenário machista e sexista como o brasileiro, é também motor dos seus versos:

*[...] minhas estrias são mapas
que não me levam a lugar algum
são marcas de uma cansável aceitação
de quem já ousou caber nos incabíveis:
38, liso, moda, mídia, média...
fracasso, eu não me caibo
meu mundo é vasto
número 44
punho de aço*

*cabelo em riste
o abraçar insiste
mas me mudo fácil
solidão persiste [...]*

Seus poemas engajados revelam uma poeta consciente de seu lugar no mundo.

[...] fomos obrigados a tramar o futuro sussurrando [...]

Na métrica de Luz encaixam-se os infinitos “casos isolados” de violência contra os negros brasileiros. Nomes como Amarildo, Cláudia e Luana não nos deixam esquecer o horror, muitas vezes perpetrado pelo Estado, através da Polícia Militar.

*[...] e você...
você sabe quem foi cláudia?
você sabe quem foi luana? [...]*

E a poeta segue com seus versos:

*[...] podia ser um coro, um coral
a notícia impressa não cita os nomes
ignora os coadjuvantes
emudece os municípios
são somente 19 corpos calados
o opressor é a tecla mute do oprimido
[...]*

Muitos temas cabem nos versos de Luz Ribeiro, que não se limita à poesia engajada: a cumplicidade, o amor e os prazeres confiados à liberdade da vida privada também permeiam seus versos. É a resistência por meio do afeto. É, antes de tudo, também o resgate da humanidade do ser negro, que luta contra o racismo sistêmico brasileiro e compartilha sua subjetividade com o mundo.

sobre apaixonar-se

*frio no estômago
atinge o miocárdio
sensações que iniciam
beijos e abraços
quentes
findam molhando os lençóis
amornando-nos em fim*

O livro duplo *Espanca e Estanca*, de Luz Ribeiro, merece uma leitura atenta por parte dos interessados na literatura contemporânea e nos interessados em compreender uma lírica embebida nas complexas relações de gênero e classe que perpassam o corpo negro.

*[...] que esses versos poucos
que esses versos soltos
que esses versos tolos
sejam minha sincera oferenda*

*que brota do meu peito encruzilhada
da minha mão cadência errada
da minha mente muito cansada
e vire fruto pela língua navalha afiada
[...]*

O livro, enfim, revela mais uma voz insubmissa nesse país genocida chamado Brasil. Com o poder da palavra, a poeta sentencia:

*[...] já fizemos muitos minutos de silêncio
agora serão gerações e gerações de barulho! [...]*

Boto fé!

Evanilton Gonçalves

Escritor

evaniltongoncalves@gmail.com